



## JORNALISMO ESPECIALIZADO EM ESPORTES: UMA DISCUSSÃO SOBRE A FORMAÇÃO CONTÍNUA DO PROFISSIONAL

Marcelo Cardoso <sup>1</sup>

**RESUMO:** O objetivo do artigo é promover reflexão a respeito da formação do jornalista esportivo e apresentar conceitos que devem permear a cobertura jornalística de jogos, lutas, corridas e competições ligadas ao esporte. Os media enxergam em demasia o esporte pela performance e com poucas abordagens ao aspecto formador do cidadão. A pergunta-problema se relaciona à formação desejável do jornalista esportivo, ao que lhe é ensinado e à contribuição para o exercício de um jornalismo cidadão e de interesse público. A hipótese defende necessidade de formação mais transdisciplinar do jornalista para atuar com as complexas interfaces entre jornalismo e esporte como os campos do lazer, da saúde e da educação e, assim, contribuir para melhorar a vida do cidadão

**PALAVRAS-CHAVE:** *Esporte. Formação do Jornalista Esportivo. Interesse Público. Pós-Graduação.*

**ABSTRACT:** The aim of this paper is to stimulate debate about education of sports journalist and present concepts that should permeate the journalistic coverage of games, fights, races and competitions related to sports. The media see the sport too much by the performance and with few approaches about the citizen's educating aspect. The issue is related to the desirable learning of the sports journalist, to what is taught to him and to the contribution to the performance of a citizen journalism and of public interest. The hypothesis defends the need for a more transdisciplinary learning of the journalist to work with the complex interfaces between journalism and sport as the fields of leisure, health and education and, thus, contribute to improve the citizen's life.

**KEYWORDS:** *Sport. Education of the Sports Journalist. Public interest. Postgraduate studies.*

---

<sup>1</sup> Mestre em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero (SP). E-mail: cardoso\_marcelo22@yahoo.com.br

## **Introdução**

O objetivo do artigo é promover uma reflexão a respeito da formação contínua do jornalista esportivo e quais os conhecimentos são suficientes para o exercício de um jornalismo mais cidadão, comprometido com o interesse público, com a função social que também deve exercer este profissional<sup>2</sup>. Não procuramos produzir um manual ou apresentar novos parâmetros para o ensino do jornalismo, mas propor caminhos para o aperfeiçoamento da formação do jornalista a fim de que possa melhor contribuir para a sociedade, principalmente os jovens que desejam ingressar no mercado de trabalho ou recém-saídos de cursos de graduação, mesmo aqueles que têm formação em diversas áreas, mas gostariam de trabalhar no jornalismo esportivo pelo fato de o diploma não ser uma obrigação na profissão.

Na contemporaneidade o jornalismo - e os veículos de comunicação - enxergam o esporte, com frequência, pela mirada permeada pelos aspectos mercadológicos e, cada vez mais, relacionados às competições de alto rendimento, aos megaeventos e suas imagens espetaculares, conforme destaca a doutora em Comunicação Social, Vera Camargo (2005). Professora formada em Educação Física, Vera Camargo critica a participação do principal meio de comunicação eletrônico na transmissão de imagens esportivas como forma de impactar o telespectador ao “espetacularizar todas as suas imagens veiculadas” para incrementar a comercialização das mesmas. (2005, p. 31)

Na veiculação das modalidades esportivas pela mídia também predominam o apelo popular com que tratam o esporte: sinônimo de ufanismo ou de entretenimento ou com excessivo favorecimento do futebol como observa o jornalista e professor Wilson Bueno (2005, p. 21) ao reconhecer que o esporte tem a preferência das “multidões em nosso País, mas há uma desproporção entre o número de praticantes das diversas atividades esportivas e o espaço (e o tempo) a eles dedicados pela mídia”.

---

<sup>2</sup> A apresentação do início da pesquisa ocorreu em 2016 durante o GP Comunicação e Esporte do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, em São Paulo.

As abordagens também tratam o esporte privilegiando aspectos políticos e econômicos como escândalos, valores vinculados ao marketing ou tocam basicamente em pautas sobre resultados da alta performance e a prática da competição pela vitória, como explica Anderson Gurgel, doutor em Comunicação e Semiótica e pesquisador dos aspectos espetaculares e imagéticos do desporto:

O esporte como espetáculo gera um “show de imagens”, que é ingrediente perfeito para o entretenimento na sociedade contemporânea. Jogos, jogadores, jogadas, façanhas e narrativas, arenas, torcedores, produtos e celebridades do (e no) esporte são alguns dos itens fundamentais dessa grande fonte geradora de imagens e imaginários que constroem um sistema de práticas e de sentidos inseridos no ambiente capitalista do trabalho e da geração de interesses econômicos. (GURGEL, 2009, p. 203)

E na cada vez mais forte fusão entre jornalismo, entretenimento e esporte observamos problemas que jogam contra o espírito esportivo e os ideais de Pierre de Coubertin<sup>3</sup>: a dopagem (com tecnologia de manipulação de genes, entre outras) e a difusão do pensamento em torno da vitória a qualquer custo em detrimento do prazer e do respeito pela competição<sup>4</sup>; a influência do marketing e dos meios de comunicação (nos referimos principalmente às mídias enquanto megaempresas do setor de comunicação e telecomunicação); e o crescimento das atribuições ligadas aos negócios cada vez mais presentes nas entidades que controlam e representam o esporte e o atleta; a imagem do atleta cada vez mais vinculada à do herói<sup>5</sup> que, mesmo não sendo

---

<sup>3</sup> O francês Pierre de Coubertin (1863-1937) foi fundador do Comitê Olímpico Internacional, do Movimento Olímpico e dos Jogos Olímpicos da Era Moderna.

<sup>4</sup> É clara a posição do manifesto do *International Fair Play Committee*, lançado em 2010: “Nós, essencialmente acreditamos que o esporte não pode ser reduzido a uma obsessão com vitória ou acúmulo de troféus e medalhas. [...] Não é preferível focar muito mais na atividade esportiva do que propriamente no resultado? [Nossa tradução]. (*International Fair Play Committee*, 2017)

<sup>5</sup> Segundo a professora doutora da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, Kátia Rubio, o termo é utilizado indevidamente pela mídia porque o herói se configura como tal a partir da origem semidivina e por ter realizado ações absolutamente fora da média como humano: “Quando eu falo que são capazes de uma atitude heroica, é porque eles absorvem as características (dos heróis) para se provarem acima da média humana”. (RUBIO, 2017, informação verbal). O atleta, portanto, pode ser uma figura heroica (grandiosa, magnânima, ou seja, um adjetivo), mas não é um herói na melhor concepção do termo (um substantivo).

verdadeira, ganha atributos especiais quando observada a partir da mídia (seja na narrativa jornalística ou envolvendo a publicidade).

Apenas para citar exemplo que nos ajude a contextualizar o cenário descrito, lembramos que nos Jogos de Helsinque, em 1952, os veículos de comunicação do Ocidente classificam, pela primeira vez, os países participantes pelo número de medalhas de ouro o que beneficia os Estados Unidos (TUBINO, 2010, p. 25). O movimento prosseguiu nesta direção quando a dimensão do esporte enquanto negócio e espetáculo ficou explícita a partir dos anos 1960, conforme explica Rubio (2013):

Além do interesse das grandes empresas que viam no esporte o grande mercado para a venda de seus produtos, contribui para a transformação desse cenário a entrada da televisão para a transmissão das competições olímpicas a partir dos Jogos de Roma, em 1960. [...] Uma nova ordem comercial se estabelece com a entrada da televisão no mundo olímpico. A visibilidade que os atletas ganharam estimulou empresas comerciais a terem suas marcas associadas àqueles seres sobre-humanos capazes de realizações incomuns. (Rubio, 2013, pp. 75-76)

A mídia e seus correlatos, com isso, contribuem para que a prática esportiva, os atletas e o público valorizem em excesso a vitória, como defende Rubio (2013, p. 172):

No esporte moderno a melhor performance passou a se associar à conquista da primeira colocação ou, ainda, ao recorde, distinguindo seu executor dos demais participantes da competição. A busca pelos melhores resultados deixou de ser superação do próprio limite para se tornar a superação do resultado do adversário. Colaboram para esse estado de coisas o desenvolvimento tecnológico, que permite a mensuração do tempo e do espaço em índices sempre menores, capazes de registros apenas aos instrumentos mais aprimorados. (Rubio, 2013, p. 172)

Ficam, portanto, cada vez mais deslocados os valores do esporte enquanto formadores e educadores do cidadão. O jornalismo pouco tem contribuído neste sentido

e evidencia cenário diferente apenas em épocas de megaeventos como os que ocorreram no Brasil em 2014 e 2016.

O esporte, entretanto, é mais do que isso. É a possibilidade de inclusão social, de formação e de educação de um povo. Sabemos que a linha editorial e os objetivos mercadológicos ditam as orientações sobre as pautas, porém, quanto o jornalista tenta promover outros tipos de abordagens? Quanto ele está preparado para ‘escapar’ deste tipo de pauta e enveredar por caminhos mais construtivos e visando o interesse público<sup>6</sup>?

A partir da Constituição Federal vigente a forma de se enxergar o esporte no país foi ampliada e deixou-se de privilegiar a sua perspectiva do desempenho, passando-se a compreendê-lo também sob a ótica da educação (lazer) e introduzindo novos conceitos que entendem o esporte enquanto manifestações Esporte-educação, Esporte-participação (lazer) e Esporte-performance (desempenho)<sup>7</sup>, conforme explica Manoel José Gomes Tubino:

O texto constitucional de 1988 consolidou esse entendimento ao priorizar recursos públicos para o esporte educacional e, no *caput* do art. 217, estabelecer como dever do Estado fomentar práticas esportivas formais e não-formais, como direito de cada um. (...) Embora a Constituição Federal de 1988 já se referenciasse num novo conceito de Esporte, o Brasil permaneceu até 1993 sem uma lei específica do Esporte que acompanhasse o texto constitucional. Isso aconteceu na Lei no 8.672/1193 (Lei Zico). (TUBINO, 2010, p. 29)<sup>8</sup>

Nos anos posteriores outras leis auxiliaram a regulamentar o esporte - Pelé (1998) e Maguito Vilela (2000) - fortalecendo a visão oficial em torno do direito do cidadão. Com a Carta Internacional de Educação Física e Esporte da Unesco, agência

<sup>6</sup> Para uma abordagem mais detalhada sobre a relação do jornalismo, o interesse público e a formação do jornalista na graduação, ver capítulo II em MORAES, 2011.

<sup>7</sup> Esporte-participação abrange toda atividade esportiva praticada de forma espontânea pela população. O espaço público – praças, parques, praias etc. – tornam-se fundamentais para tal prática. O Esporte-formação não tem objetivo de formar campeões, mas age na formação de conceitos em torno de cidadania e torna-se, assim, útil à sociedade.

<sup>8</sup> O Professor Doutor Manoel José Gomes Tubino (1939-2008) presidiu a Comissão de Reformulação do Esporte Brasileiro de 1985, instalada pelo Decreto no 91.452, que sugeriu que o conceito de Esporte no Brasil fosse ampliado. Tubino foi pesquisador na área de Treinamento Esportivo e Políticas Públicas de Educação Física e Esporte. Livre-docente pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro, era presidente da Federação Internacional de Educação Física e publicou 20 livros. (TUBINO, 2010, p. 29)

especializada das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura, de acordo com Tubino (2010), defende-se que o direito à prática esportiva deve ser estendido a todas as pessoas, ou seja, “o rendimento esportivo era substituído gradualmente pelas práticas esportivas de todos, independentemente de idade, raça, estado físico e outras situações humanas” (TUBINO, 2010, p. 41).

O jornalismo esportivo, no entanto, insiste em se ocupar em demasia com os Esportes-desempenho que objetivam “resultados, vitórias, recordes, títulos esportivos, projeções na mídia e prêmios financeiros” (Tubino, 2010, p. 43). A persistência das pautas referidas empurra o jornalista para uma direção oposta ao que defendemos aqui, ou seja, aspectos do esporte enquanto fenômeno social, atividade formadora de personalidade e de caráter podem estar perdendo importância a partir da formação do jornalista. Observamos ex-atletas participarem de programas, produzirem reportagens, conduzirem debates desempenhando função de jornalistas além daquelas que a vivência no mundo esportivo lhes pode oferecer. Será que o jornalista cada vez menos dá conta do esporte?

### **Problema e Hipótese**

Qual seria a formação desejável do profissional para saber lidar com a informação que extrapola a abordagem do esporte como entretenimento e competição? Estudos indicam que durante a graduação, ou no mercado, o jornalista acaba moldado por paradigmas que espelham a sociedade conforme observam Coelho e Cardoso (2009) quando afirmam que os jornalistas brasileiros são

sujeitos<sup>9</sup> que vivem em uma sociedade organizada dentro de um sistema capitalista e que, portanto, compartilham dos valores que norteiam esta sociedade. São valores inerentes a ela e que são naturalizados pelo jornalista mesmo quando age profissionalmente. A ideologia age em favor do próprio sistema capitalista e influenciará a prática profissional, inclusive quando o jornalista utiliza as técnicas

---

<sup>9</sup> O termo “sujeito” é empregado segundo a visão de Louis Althusser no sentido de que a ideologia transforma o indivíduo – ser biológico – em ser social e cultural que pratica regularmente rituais de reconhecimento ideológico.

que lhe foram ensinadas nos cursos superiores. (COELHO; CARDOSO, 2009, p. 72)

Portanto, antes mesmo de iniciar a carreira, o aspirante a jornalista reproduz um modelo vigente na mídia hegemônica que é dominada por poucas famílias no país e que perpetua não somente sua ideologia, mas, também, os *modus operandi* profissional como constata os professores da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, Dennis de Oliveira e Luciano Maluly ao abordarem a formação necessária do profissional da imprensa:

A formação do jornalista passa por alguns princípios que estão ocultos nas escolas e nas redações dos principais jornais. O principal deles é a reprodução do modelo tradicional exercido pelos monopólios das redes de rádio e televisão e de alguns conglomerados de periódicos impressos, agora estendidos ao universo online. (...) A receita de bolo construída por meio da adaptação da agenda é transmitida aos alunos (futuros jornalistas) que assim conseguem manter o predomínio da grande imprensa por não conseguirem furar (modificar) o padrão e também, por ser mão-de-obra barata, que é substituída periodicamente. (OLIVEIRA; MALULY, 2013, p. 59)

O aprofundamento em determinada área de conhecimento ocorre principalmente após a entrada do profissional no mercado com a consequente busca por mais instrução, podendo ser ou não em instituições de ensino. A hipótese é que o jornalista esportivo precisa de uma formação mais transdisciplinar, a certa altura de sua formação, para compreender e atingir variadas e complexas interfaces entre jornalismo e esporte e, assim, exercer de forma mais completa a sua profissão. Quando utilizamos a palavra “transdisciplinar” a entendemos segundo o termo criado em 1970 por Jean W. F. Piaget (1896-1980), psicólogo suíço e um dos mais importantes pesquisadores da área da Educação. Os seus estudos no campo da inteligência infantil tiveram forte impacto sobre a Pedagogia.

A transdisciplinaridade de Piaget prevê mais do que uma simples colaboração entre disciplinas, mas uma interação, um forte diálogo entre diferentes áreas do conhecimento sem posições dominantes de uma e de outra e com objetivo de

solucionar e apresentar diferentes visões sobre um problema, conforme o artigo número três da Carta da Transdisciplinaridade ressalta:

A transdisciplinaridade é complementar à aproximação disciplinar: faz emergir da confrontação das disciplinas, dados novos que as articulam entre si; oferece-nos uma visão da natureza e da realidade. A transdisciplinaridade não procura o domínio sobre as várias outras disciplinas, mas a abertura de todas elas àquilo que as atravessa e as ultrapassa. (Carta da Transdisciplinaridade, 1994).

### **Justificativa**

Os questionamentos ganham importância no momento em que os ambientes digitais estimulam uma cultura cada vez mais participativa e os membros das audiências exercem papéis ativos, seja em canais dominados pelas grandes empresas de comunicação, seja por meio das redes sociais abertas. Agora as audiências produzem “textos de mídia”<sup>10</sup>, os reconfiguram, os reorganizam, os recontextualizam e os redistribuem em um modelo de circulação híbrido e ainda longe de ser definido que, porém, sinaliza amplo ambiente de compartilhamento e propagação de informações como observaram JENKINS, GREEN e FORD (2014) ao analisarem as novas formas de distribuição de conteúdos dentro da cultura participativa que se instituiu a partir das tecnologias e ambientes digitais.

Qualquer pessoa influencia e é influenciada por meio da gigantesca rede de comunicação. Consumidores de notícias com diversas formações opinam, redigem, gravam, contribuem com o conteúdo do jornalista numa tendência crescente. E no jornalismo esportivo a interatividade vai ao extremo: consumidores de notícias, muitas vezes, dialogam com o jornalista em um alto grau de conhecimento.

No nível pessoal nossas dúvidas e reflexões aumentaram a partir do momento em que começamos a lecionar disciplinas em cursos de pós-graduação em Jornalismo Esportivo em 2014 e, posteriormente, estudamos em cursos e palestras preparatórios para

---

<sup>10</sup> Termo de significado amplo empregado por JENKINS; FORD; GREEN, (2014), mas, aqui, utilizado especificamente para tratar de conteúdo informativo veiculado por mídias (veículos, redes sociais etc.) e que hoje são apropriados pela audiência.

jornalistas que participariam da cobertura dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro. E após frequentarmos seminários e reuniões do Grupo de Estudos Olímpicos<sup>11</sup> organizado pela professora Dra. Katia Rubio, na Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, verificamos que o jornalismo sozinho não responde a várias demandas em torno do esporte, ou seja, o conhecimento na área da Comunicação que o autor deste artigo adquiriu ao longo de trinta anos como jornalista, e, posteriormente, como professor, não era suficiente para responder a vários questionamentos e compreender certas dimensões do esporte.

### **Quadro Teórico de Referência**

O jornalismo esportivo tem especificidades que o diferenciam de outras especialidades. Entendemos que o jornalismo esportivo é uma área especializada como apontam Erbolato (1981), Unzelte (2009), Carvalho (2005), Barbeiro e Rangel (2006), todos autores que pesquisaram conceitos em torno desta classificação que se atribui à modalidade do jornalismo. O termo “especializado” é utilizado para designar o campo do saber junto a determinada área e considerando as interfaces do esporte com o lazer, a saúde, a prestação de serviço etc.

47

Por tratar de temática abrangente, no caso o esporte, o jornalista deve se especializar sempre que possível para poder realizar a interface entre especialistas e os consumidores de notícias como cita Tavares (2012) ao elencar os objetivos do jornalismo especializado segundo Amparo Tuñon, catedrática de Jornalismo Cultural na Universidade Autônoma de Barcelona, entre os quais: “servir como instrumento de mediação e intercâmbio entre os especialistas e as audiências, [...] aprofundar a explicação de fenômenos atuais e novos, tal qual exigem as aceleradas mudanças sociais, políticas etc., [...] substituir, na medida do possível, a figura do colaborador especialista à do jornalista especializado”. (AMPARO TUÑON *apud* TAVARES, 2012, p.104)

O conceito em torno do jornalismo esportivo é abrangente, mas os estudiosos do esporte e do jornalismo entendem que o profissional deve se especializar para ter

---

<sup>11</sup> Grupo de Estudos Olímpicos Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, 2017. <<http://www.eefe.usp.br/?laboratorio/mostrar/id/41>>. Acesso em: 05 ago. 2017.

condições de analisar o esporte pelas suas múltiplas facetas. Veja o que diz, por exemplo, o tradicional Dicionário Enciclopédico Tubino do Esporte (2007, p. 719): “[...] é uma atividade especializada de Jornalismo na qual são transmitidas informações, opiniões (interpretações e críticas) e análises do esporte em qualquer aspecto de sua abrangência sociocultural”.

O jornalista e professor Mario Erbolato<sup>12</sup>, em sua obra *Jornalismo Especializado: emissão de textos no jornalismo impresso* (1980), já apontava a necessidade de se mergulhar no oceano dos esportes para compreender e relatar melhor tal conteúdo. Erbolato afirma no capítulo *O noticiário esportivo*, que o jornalista deve conhecer regras e regulamentos da maioria dos esportes além de fatos correlatos como a

obtenção de alvará, condições para ser árbitro, *quórum* para as decisões das assembleias gerais dos clubes, transferência de amadores e profissionais, obrigatoriedade da divulgação de boletins financeiros mensais, proibições impostas aos atletas, prazo mínimo de horas entre uma e outra partida, criação de ligas, federações e confederações existentes, repressão ao doping, garantias aos profissionais e amadores que viajam para o exterior, funcionamento da Justiça Desportiva [...] (ERBOLATO, 1980, p. 13-14)

A obra ganhou mais relevância na época à medida em que chamou a atenção para a necessidade da especialização do jornalista esportivo e indicava uma espécie de mapa para o profissional mergulhar firme na temática. E no mesmo capítulo o autor apresenta sugestões de coberturas ou de abordagens de modalidades e explica regras de modalidades, como se disputam, medidas de quadras e campos como a bocha, por exemplo: “[...] é um jogo no qual cada parceiro, com três bolas de madeira, as atira a certa distância, tentando aproximá-las o mais possível de outra menor, denominada *chico*” (ERBOLATO, 1980, p. 28). Considerações do mesmo tipo se seguem a respeito da esgrima, do halterofilismo, da natação, do paraquedismo, do tênis, entre outros.

Uma outra maneira de se ter mais contato com o esporte é praticando-o. Por meio de modalidades esportivas o jornalista entrará em contato mais íntimo com a filosofia, a

---

<sup>12</sup> Jornalista, professor, advogado e natural de Campinas (SP), Mario de Lucca Erbolato (1919 - 1990) foi autor de livros que se tornaram referência nos cursos de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, em uma época de poucas obras específicas nesta área no país. Destacam-se as obras *Técnicas de codificação em jornalismo impresso* (Vozes, 1978) e *Jornalismo especializado* (Atlas, 1980).

dinâmica, as regras e particularidades somente observadas pela vivência como nos ensina o professor Luciano Maluly (2010). O jornalista incrementará o seu repertório para usá-lo desde a concepção de pautas à linguagem de suas narrativas que serão enriquecidas. O excesso de trabalho e os baixos salários, característicos da profissão no Brasil, porém, ironicamente mantêm o profissional afastado do esporte *in loco*.

O jornalismo tem uma função social que no campo específico do jornalismo esportivo se traduz em “cumprir o seu papel de estimular as novas vocações e de valorizar o espírito de competição” (BUENO, 2005, p. 21). Um dos mais importantes pesquisadores sobre o jornalismo brasileiro, Benedito Juarez Bahia, defendeu em sua obra *Jornal, História e Técnica: as técnicas do jornalismo* (1990) que no exercício da profissão o jornalista tem, também, uma vocação para ser o intermediário entre os acontecimentos e a comunidade para servir à sociedade. Bahia ainda ressaltou que a

(...) missão do jornalismo se confunde com a natureza da informação. Sua prioridade básica é difundir notícias. Fora dessa função primordial, absorve muitas outras como, por exemplo, a de promover o bem comum e a de estimular a mais ampla e livre troca de ideias entre as pessoas, quaisquer que sejam suas convicções. (BAHIA, 1990, p.20)

De acordo com o jornalista e pesquisador, para

certos críticos do jornalismo mais atentos às funções sociais dos veículos, estes procuram fugir às suas responsabilidades com a educação das pessoas. As objeções a este respeito procuram evidenciar um crescente desinteresse dos veículos pela crença de valores. (BAHIA, 1990, p. 27)

Encontramos na definição de outro estudioso que foi do jornalismo, mais conceitos que vão ao encontro do que propomos. Luiz Beltrão<sup>13</sup> considerava que o fazer jornalístico se relacionava diretamente com o ato de informar, mas que um dos

---

<sup>13</sup> Luiz Beltrão de Andrade Lima (1918-1986), pernambucano, jornalista por quase trinta anos, professor em cursos nas áreas do jornalismo, relações públicas, opinião pública e ensino de comunicação, fez importante contribuição para teorias do jornalismo e da comunicação. Publicou cerca de vinte livros, entre os quais *A imprensa informativa* (1969), *Jornalismo interpretativo* (1976) e *Jornalismo opinativo* (1980).

atributos deste verbo vinha acompanhado de uma função educativa que auxiliava a atingir a finalidade do jornalismo. Portanto, a definição de jornalismo para Beltrão é

a informação de fatos correntes, devidamente interpretados e transmitidos periodicamente à sociedade, com o objetivo de difundir conhecimentos e orientar a opinião pública, no sentido de promover o bem comum. (BELTRÃO, 1960, p. 36)

Por meio da imprensa podem ser divulgados e ampliados valores primordiais na formação do caráter do indivíduo. Na interface com o esporte o jornalismo contribui para a melhoria da vida do cidadão pelo fato de que, quando concebido como fato social, segundo Maria Rita Bruel<sup>14</sup>, o esporte

pode ter repercussão na qualidade de vida e bem-estar social do homem, pois através de seu potencial gregário e caráter lúdico é fator decisivo para o resgate do "déficit" social, na medida em que tem um papel relevante na integração social e na construção de uma sociedade mais humana e justa. (BRUEL, 1989, p.108)

O jornalismo esportivo, no entanto, ocupa-se muito com os Esportes Performances<sup>15</sup> e menos com as pautas sobre os Esporte-participação e Esporte-formação. A realização dos Jogos Olímpicos no Brasil, por exemplo, foi, por si só, uma oportunidade de os jornalistas pensarem em pautas cujas abordagens pudessem tocar nos valores olímpicos propostos por Pierre de Coubertin.

Educador, Coubertin preocupava-se com a formação do jovem e entendia que o esporte era parte importante na educação das pessoas. Um dos objetivos do Movimento Olímpico é apoiar a educação ligada ao Olimpismo que tem entre suas propostas “proteger e promover os interesses comuns da sociedade humana, tais como paz, amizade e progresso” e a “busca pela excelência, o *fair play*, a justiça e o respeito” (MIRAGAYA, 2009, p. 41.).

---

<sup>14</sup> Doutora em Pedagogia da Educação Física na Universidad Católica de Nuestra Señora de la Asunción, no Paraguai (2010) e mestre em Educação Física pela Universitat Fridericiana Karlsruhe, na Alemanha. É professora da Fundação Universidade do Contestado, em Santa Catarina.

<sup>15</sup> De acordo com Maria Rita Bruel (1989, p.108), tais modalidades, também conhecidas por esportes de alto rendimento ou espetáculo, têm forte apelo popular por serem identificados “pelos grandes massas”.

Em épocas de megaeventos costuma haver a ampliação da angulação das pautas a fim de trazer para os noticiários esportivos a pluralidade de ideias e estímulos que representam os temas ligados ao esporte. Uma reportagem pode ser o pontapé inicial de uma jornada para muitas crianças e adolescentes porque representa a chance de aprendizado e melhor inserção na sociedade por meio de práticas esportivas e do componente gregário e lúdico que as acompanham. Para realizar bem as articulações em torno do processo que abarca a produção de notícias o jornalista esportivo necessita se aprofundar mais para criar pautas e fazer reportagens que vinculem esporte com saúde, educação e lazer.

### **Considerações Finais: Algumas Propostas para o Jornalista Esportivo**

O esporte não deve existir sem a divulgação pelos jornalistas. A imprensa tem o papel fundamental de difundir suas características e que o fazem um fenômeno social e político possuidor da capacidade de influenciar a cultura de uma sociedade. Para que o jornalismo continue a desempenhar bem a sua função é necessário que conte com profissionais cada vez mais bem preparados.

51

Por isso, acompanhar a evolução de um atleta ou de uma equipe, denunciar a falta de condições para o exercício do esporte e propor sugestões não podem ocorrer de tempos em tempos. O jornalismo esportivo pode e deve participar do processo de descoberta e de formação pelo qual passa um atleta ao abordar a temática e divulgar modalidades, porém, respeitando um dos preceitos básicos do jornalismo, a periodicidade. Para Beltrão (1960, p. 50) a periodicidade tem vínculos profundos com o jornalismo, “vínculos tão íntimos e indissolúveis que tornaram sinônimos, na linguagem universal, vocábulos etimologicamente tão divergentes como jornalismo e periodismo”. O jornalista deve ter conhecimentos que, pelo menos, tangenciem áreas como da administração, da gestão, da fisiologia, da educação física, da psicologia, da nutrição, entre outras, para conseguir abordar com mais profundidade os temas ligados ao desporto e, ao mesmo tempo, ter a liberdade de suitar suas reportagens para relatar seus desdobramentos ou aprofundá-las.

O jornalista precisa ir a campo, ao local dos acontecimentos porque assim terá a chance de utilizar todos os seus sentidos para perceber, registrar e observar o esporte onde se desenvolve e suas nuances. Conhecerá de perto atletas, técnicos, dirigentes e torcedores que serão fontes e aumentarão a credibilidade das informações jornalísticas. Somente assim se poderá reduzir certas narrativas e críticas presentes no jornalismo que beiram a injustiça quando um atleta não vence sua competição atendendo as expectativas da torcida e da imprensa.

As condições de trabalho do profissional da imprensa, via de regra, não colaboram no sentido de estimular contínuas especializações, por exemplo. Por causa dos baixos salários – em relação ao tempo dedicado ao trabalho desenvolvido -, o jornalista, muitas vezes, precisa trabalhar em duas redações, enfrenta a extensão rotineira da jornada de trabalho e pressões organizacionais para que o conteúdo veiculado siga determinada linha editorial e que, frequentemente, se impõem e contrapõem à ideologia do jornalista. O profissional, no entanto, sempre terá a opção de procurar caminhos alternativos, observar novas possibilidades e driblar algumas regras para se aventurar - com mais equilíbrio - pela pauta esportiva. Ampliará a diversidade de abordagens, irá melhorar a qualidade dos conteúdos e cumprirá a função social do jornalismo.

Quando um país atravessa longo período de crise político-econômica, uma das possibilidades de desenvolvimento de seu povo ocorre por meio da educação. E o esporte nas modalidades Formação e Participação é fundamental neste processo. A imprensa, então, ganha papel ainda mais importante ao incentivar as práticas esportivas com abordagens que as relacionem à saúde, à educação, ao lazer e à formação do caráter.

## Referências

- BAHIA, J. **Jornal, História e Técnica**. As técnicas do jornalismo. Ática: São Paulo, 1990. 4.ed.
- BARBEIRO, H.; RANGEL, P. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BELTRÃO, L. **Iniciação à Filosofia do Jornalismo**. Rio de Janeiro: Agir Editora, 1960.
- BORELLI, D. L.; MARCOLINO, E. M. “Mario Erbolato: uma vida dedicada ao jornalismo”. In: **Comunicação e Sociedade**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo. v. 23, n. 36, p.183-202, 2001. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/viewFile/4260/3962>>. Acesso em: 2 mar. 2017.
- BRUEL, M. R. “Função social do esporte”. In: **Motrivivência**. Revista de educação física, esporte e lazer da Universidade Federal de Santa Catarina. n. 2, p.108-111, 1989. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/19978/18382>>. Acesso em: 8 maio 2017.
- BUENO, W. C. “Chutando prá fora: os equívocos do jornalismo esportivo brasileiro”. In: MARQUES, J.C.; CAMARGO, V. R. T.; CARVALHO, S. **Comunicação e Esporte: Tendências**. São Paulo: Pallotti, 2005. Disponível em: <<http://comtexto.com.br/criticom/textos/wilson-bueno/chutando-fora.pdf>>. Acesso em: 4 mar. 2017.
- CAMARGO, V. R. T. “O comunicador e o educador esportivo: novos paradigmas para o jornalismo esportivo”. In: **Revista Conexões**, v.1. Campinas: Unicamp, p-90-96, 2001. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:mItaWKmqVtwJ:periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/download/8638038/5725+%&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 4 mar. 2017.
- Carta da Transdisciplinaridade, 1994. Disponível em: <[http://ouviroevento.pro.br/index/carta\\_da\\_transdiscipliniradidade.htm#Carta da Transdisciplinaridade](http://ouviroevento.pro.br/index/carta_da_transdiscipliniradidade.htm#Carta_da_Transdisciplinaridade)>. Acesso em: 04 jul. 2017.
- CARVALHO, J. In: PENA, F. (org.). **1000 Perguntas – Jornalismo**. Rio de Janeiro: Editora Universidade Estácio de Sá, 2005.
- COELHO, C. N. P; CARDOSO, M. “A homogeneização das notícias: a ditadura dos índices de audiência e o poder da ideologia”. In: **Revista Libero**, v. 12, n. 24, p. 71-80, 2009. Disponível em:<<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/A-homogeneiza%C3%A7%C3%A3o-das-not%C3%ADcias.pdf>>. Acesso em: 04 jul. 2017.
- ERBOLATO, M. L. **Jornalismo especializado: emissão de textos no jornalismo impresso**. São Paulo: Atlas, 1980.
- GRUPO de Estudos Olímpicos Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, 2017. < <http://www.eefe.usp.br/?laboratorio/mostrar/id/41>>. Acesso em: 05 ago. 2017.

GURGEL, A. “Desafios do jornalismo na era dos megaeventos esportivos”. In: **Motrivivência**. Ano. XXI, n.32/33, jun-dez, p.193-210, 2009. Disponível em: <<http://andersongurgel.com.br/wp-content/uploads/2014/08/Desafios-do-Jornalismo-na-era-dos-Megaeventos-Esportivos-2010.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2016.

GURGEL, A.; GUERRA, M. O.; MARQUES, J. C.; ROCCO JUNIOR, A. (Orgs.). **Comunicação e esporte: reflexões**. São Paulo: Intercom, 2012.

INTERNACIONAL Fair Play Committee, 2017. Disponível em: <<http://www.fairplayinternational.org/history-of-fair-play>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

MALULY, L. V. B. “Um jornalismo para massificar o esporte”. In: **Observatório da Imprensa**. São Paulo: 2008, 499 ed. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitas/um-jornalismo-para-massificar-o-esporte/>>. Acesso em: 23 abr. 2017.

\_\_\_\_\_. OLIVEIRA, D. “A formação necessária do jornalista”. In: MORAES JÚNIOR, E. *et al.* **Antes da pauta: linhas para pensar o ensino do jornalismo no século XXI**. São Paulo: ECA/USP, 2013.

\_\_\_\_\_. “Jornalismo Esportivo: desafios e propostas”. In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2010, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul: INTERCOM, 2010, p.1-16. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1779-1.pdf>>. Acesso em: 4 abr. 2017.

MIRAGAYA, A. Educação olímpica: o legado de Coubertin no Brasil. p.41-55. In: REPPOLD FILHO, A.R.; PINTO, L.M.M.; RODRIGUES, R.P.; ENGELMAN, S. (orgs.) **Olimpismo e Educação Olímpica no Brasil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

MORAES JÚNIOR, E. **O ensino do interesse público na formação do jornalista: elementos para a construção de uma pedagogia**. São Paulo, 2011. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo

MÜLLER, N.; TODT, N. S. **Pierre de Coubertin (1863-1937) - Olimpismo: Seleção de textos**. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2015.

RUBIO, K. **O imaginário esportivo contemporâneo: O atleta e o mito do herói**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

\_\_\_\_\_. **Atletas do Brasil Olímpico**. São Paulo: Kazuá, 2013.

TAVARES, F. M. B. “A especialização jornalística como teoria e objeto: contornos e limites”. In: **Comunicação Midiática**. v.7, n.1, p. 96-116, jan. / abr. 2012. Disponível em:

<<http://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/comunicacaomidiatica/article/viewFile/160/104>>.

TUBINO, F. M.; GARRIDO, F. A. C.; TUBINO, M. J. G. **Dicionário Enciclopédico Tubino do Esporte**. Rio de Janeiro: Senac, 2007.

\_\_\_\_\_, M. J. G. **Estudos brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte-educação**. Maringá, Eduem, 2010.